



Caderno de Cultura Nódoa no Brim

A VOZ DA ANCESTRALIDADE EM PEDRA CANGA (1987) DE TEREZA ALBUES

Patricia Casagrande (PPGEL/UNEMAT)



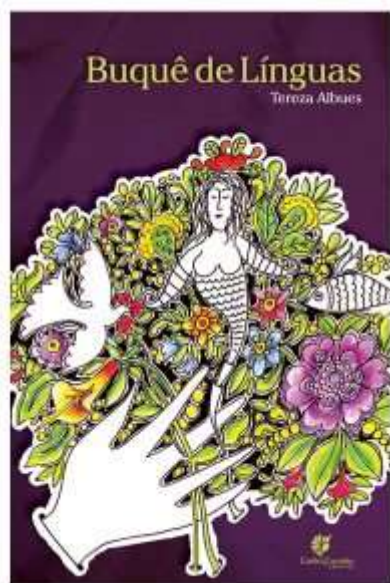
Pedra Canga é o primeiro romance de Tereza Albuês, organizado em capítulos curtos, traz a narração em primeira pessoa que permite o estatuto explícito da parcialidade, a conciliação da dúvida diante do que é narrado. Entretanto, a narrativa subverte a possibilidade da dúvida ao intercalar entre a primeira pessoa, outros narradores que ganham espaço à medida que vamos percebendo a composição da experiência.

Partindo deste olhar acerca da narrativa, a primeira pessoa conforma o discurso da experiência apreendida a partir de outras

experiências enunciativas, construídas pelo conhecimento popular. Tais narradores, inseridos na pequena comunidade de Pedra Canga, carregam a alteridade dos narradores orais, com apelo pela verdade, pela consagração irrestrita da tradição. A enunciação cumpre um papel social no ciclo de continuidade da narrativa, da experiência de narrar, da mesma maneira que faz compreender o sentido comunidade. A narrativa dos mais velhos ensina, educa os mais jovens. Esses narradores, na obra de Tereza Albuês são as vozes que criam as performances dos narradores orais.

Por Onde Andará?

Tereza Albuês



sombreado entra no cenário à nossa revelia. E a garota, que pensa ser vivida, entra no redemoinho da cidade. Corpo e alma. Entrega-se às vibrações do irresistível, previsível até certo ponto. Perambulará pela noite sem destino. Pelos bares e inferninhos, vinhos, vodkas, cigarros, Marlboro, Camel, Hollywood. O mundo é vasto. De incongruências, amores, traições, boas trepadas, dores de cotovelo e boleros e melodramas e sacanagens e beberagens infindas. Papos moles, soltos, tensos, banais, pseudo-intelectuais, deitando falação, poluindo o ar. Ar enfumaçado. Goroa virando chuva. Vento gelando esperanças. Porres à vista. Na esquina, mendigos pedem esmola para a cachaça. Outros apenas pra sobreviver. Alguns nem dizem pra quê. A mão estendida, o olhar vago, a expressão empedrada de esfinge tropical. Um acordeão antigo murmura Astor Piazzola, a música passa despercebida. À tragédia dos tangos se sobrepõe a miséria concreta de todo o dia. O som se mistura a outros restos de melodias e se perde pela noite anônima. Um travesti passeia e se exhibe pela avenida ponta a ponta, fuma o último, gesticula, ninguém parece percebê-lo. O tempo urge, a vida exige, a fome não espera, o aluguel atrasado, o telefone cortado, queixar-se a quem? Ao bispo, é piada caduca. O travesti, conhecido como *Liana*, redobra nos requebros, exagera o batido do salto das botas nas calçadas frias. Ressonâncias apelativas, no exercício do velho ofício. Nenhuma artimanha surte efeito. Ódio acumulado. Desgraça de profissão. Pelos becos o negrume, estrume, picadeiro de circo pobre, desmontado às pressas, a trupe aboletada nos caminhos, à deriva da sorte. Há um clima ambíguo de luz e dor e sombras e solidão e gritos e risos e um leve tremor de terra insone. Exausta, *Liana* está a ponto de desistir. Na última tentativa, um carro para, ela entra, o rádio está tocando *Vida Breve*, de Cazuza. O homem pergunta, gosta da música? Adoro. Pois eu odeio, rosna o homem. Meia-idade, terno e gravata, careca. Desliga o rádio. Pisa fundo no acelerador. O perigo se anuncia na noite. Nem morna, nem devassa. Púrpura. *Liana* apalpa a navalha na bolsa, as longas unhas pintadas de vermelho-cintilante. O mesmo tom do seu batom Revion.

ALBUÊS, Tereza. **Buquê de línguas**: contos. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato, 2008.



Caderno de Cultura
"Nódoo no Brim"

Realização: **Diário da Serra**
O DIA-A-DIA DA NOTÍCIA
ISSN 2238-6467

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso em Estudos Literários

Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários
PPGEL

ENTREVISTA

Walnice Vilalva é Pós-doutora em literatura pela USP, e doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. É professora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Lilian Reichert Coelho é doutora em Letras. É professora da UNIR e colaboradora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

Maria Madalena da Silva Dias é graduada em letras e possui mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Fabiola Tormes, direção e jornalismo do Diário da Serra.

site: <http://www.nodoanobrim.com.br/>
e-mail: wdiaspino@gmail.com
ENDEREÇO
Av. Tancredo Neves, 1247-W, Jardim do Lago II - Tangará da Serra - MT CEP: 78300-000
Fone (65) 3326-4724 Fax 3326-6501

Este caderno é parte integrante do Diário da Serra
www.diariodaserra.com.br

Era uma tarde, nem morna, nem púrpura. Devassa. Pela fresta da janela a luz baça entrava e saía com uma intimidade de clientes em cabarês baratos. Nenhuma senha, contra-senha, reservas antecipadas. Os gestos aconteciam e se sucediam com uma libertinagem assombrosa. Transeuntes desocupados ou empenhados em alguma tarefa tardia ou escura, ou mesmo obtusa, avançavam sem pudor, nas entrelinhas do desejo. Nas calçadas movimentadas, pernas, calças, saias, sapatos baixos, altos, sandálias, mocassins, tênis, tamancos, botas abafadas, ousadas, de dor. Nos olhos de verniz e no baque surdo do calcanhar. No andar suado, excitado, o resfolgar das têmporas, narinas abertas, ouvidos moucos, zunidos abstratos. Quando sobressaltos! Quanta falta de senso, contra-senso, contraponto. Na esquina na rua Augusta, em tão astuta quanto quer parecer, a moça ausculta. Vem do interior, ausculta. O tempo, nem tanto. O tempo do esgoto aberto, detritos escorrendo vadios, gosmentos. No ar o odor pestilento, na cara a dor macilenta. Nos ônibus e táxis lotados, um sinal de que a vida se comprime. Como o espaço que divide com outras moças esperançosas. Não há vagas. Nem nos empregos nem no coração de alguém nem na vida de caótica nem nas sarjetas escorregadias. O disponível é um ponto que não se alcança. Nem por acaso. O acaso talvez. Dependendo do ponto em que se encontra. O sol se põe a distância. As luzes em breve vão se acender. Acenos da vida noturna. Outra face do cotidiano. Outra perspectiva do humano. Em busca de si mesmo, ou do deus no qual não acredita. A noite começa a cair. A cortina desce. De seda transparente e cinza, desce. Afaga os dissabores, entrava humores, ameniza dores profundas. Ungüento. Reavivam-se as esperanças. Quem sabe esta noite. Na avenida movimentada, encontrarei o que procuro. Mas se nem sei o que procuro. Como encontrar o que não se busca? Assusta. Quimeras, era o nome do bar ou o que eu embalava dentro de mim, como uma canção que nem era de ninar, mas que tinha uma entonação de rede balançando, num rancho de palha de minha infância? Ah, se eu dissesse isso para as colegas paulistas... Tão longe da realidade delas, tão próximo da minha história, tão distante do meu presente... O que nos colocaria numa igualdade sem igual. Quer contradição maior? Em plena São Paulo das garoas decantadas, quem se assombra? O cinzento da cidade é dúbio, como dúbio é nossa estadia neste planeta. Caio Fernando Abreu que o diga. Onde quer que ele esteja. E quem sabe me inspira neste momento? Comecei a escrever um conto, depois virou crônica, depois virou o que virou, nada. Ou seja, nenhum gênero específico. Mas quem precisa se especificar? Afora os americanos do norte, que dizem na cara do latino estupefato: *Be specific!* – porque não conseguem lidar com a obra aberta da vida – afora eles, não é Caio? Quem precisa de? Ora, direis, vamos ouvir besteiras. Estrangeiras ou caseiras. E a noite cai, sem alternativas outras que não essa. As leis da natureza também tendem a ser específica. E a nossa emoção e necessidades imediatas que se acomodem ao noturno. O tom do quadro se altera por conta do risco. O

A VOZ DA ANCESTRALIDADE EM PEDRA CANGA (1987) DE TEREZA ALBUES



Patricia Casagrande (PPGEL/UNEMAT)

diariamente. Minha mãe ficou alarmada com a invasão pois já não se tratava apenas do Manguieiral. Os estranhos estavam invadindo nosso bairro, nossas ruas e até nossas casas. Muitos deles entravam sem a menor cerimônia para beber água na nossa varanda e nem pediam licença”. (ALBUES, 1987, p. 57)

Os acontecimentos apreendidos pelo que se ouviu falar, além de não separar o mundo dos mortos e dos vivos, também mudam o foco da narrativa. A casa da Chácara Manguieiral passa a ser a personagem principal do romance “A casa adquiriu personalidade e passou a ser o centro de comentário de Pedra Canga. Segundo muita gente, ela tinha ganhado humores variando da alegria total até a mais sombria depressão; do amor ao ódio sem tamanho – que se manifestavam na mudança de cor. [...] Marcola era da mesma opinião. Havia um fundamento nisso tudo. A casa tinha guardado tantos segredos, tantas paixões, tantas emoções fortes que, era bem possível que essas energias tivessem ficado impregnadas nas paredes e que, em certos momentos, elas tomavam a casa, ou melhor, ‘usavam a casa como veículo pra se manifestar para pessoas’”. (ALBUES, 1987, p. 58)

Após ouvir inúmeros relatos sobre o que acontecia dentro do casarão dos Vergare, a narradora cria sua própria experiência ao entrar no casarão. Ao encontrar registros num diário da família, descobre os rituais de magia e a realização do pacto com o diabo como documentos que atestam a verdade coletiva da comunidade.

Este conhecimento está diretamente ligado ao entendimento da coexistência de dois mundos, o mundo dos vivos e dos mortos; como uma coexistência natural na ordem das coisas, do mundo. O sobrenatural é matéria vertente do romance de Tereza Albuês. O relacionamento entre estes dois mundos e a existência de um entre-lugar assumem dimensões complexas e profundas no romance.

A exemplaridade da experiência recorta uma linha que não é tênue no romance, a separação da experiência em seu julgamento entre bem e mal.

Na obra, a narradora passa a compreender como se deu a invasão da chácara na qual viveram os Vergare. Este pedaço de terra emblemático do processo de colonização de Mato Grosso, diz muito da condição de vida do povo e seus arredores. Este lugar, nomeado de Chácara do Manguieiral, se torna um símbolo de opressão e exploração; é ali que tudo passa a acontecer, e é a partir da morte de seus proprietários que a população se liberta, e, em uma espécie de vingança se constitui pela decisão de narrar: “A Chácara do Manguieiral pertencida aos Vergare ninguém sabia precisar desde quando. Bento Sagrado, o mais velho e mais antigo morador de Pedra Canga, costumava contar uma estória de morte e traição através da qual eles teriam se apossado da propriedade. Segundo ele, o verdadeiro dono das terras tinha sido Antônio dos Anjos, morto numa tocaia a mando dos Vergare e que, logo após o crime, sua viúva, D. Maria dos Anjos foi obrigada pelo Coronel Totonho a assinar a escritura em favor da poderosa família”. (ALBUES, 1987, p. 15)

Todos os relatos que são ouvidos pela narradora apontam para justificar o castigo que tiveram as almas da família Vergare. Este castigo, impossível de ocorrer pela justiça da vida, pela justiça dos homens, é transferido para outro plano, na narrativa, o sobre-humano, pós-morte, forjado pela capacidade criadora do povoado de Pedra Canga, ao realizar o acerto de contas, como vingança coletiva. A narrativa toma caminhos diferentes a partir da passagem do enterro de Dr. V. pela cidade. As formas da experiência, entre lembrança, esquecimento e imaginação, dos moradores de Pedra Canga, imprimem a capacidade criadora da memória coletiva, nos termos defendido por Halbwachs (2006), ao expressar a opressão, a dor, a violência.

De maneira abrupta, os acontecimentos se materializam. As histórias antigas que passam por gerações, desde os tempos da escravidão, por exemplo, são necessárias para compreender o presente, que além de se tornar mais evidente, faz-se invenção, criação coletiva. Neste contexto, o sobrenatural torna-se, também, mais naturalizado.

“E os homens, mulheres, e as crianças, carroças, burros, carrinhos de mão, continuaram a ir e vir, mais e mais. Parecia que se multiplicavam



tereza albuês
Pedra Canga

Translated from the Portuguese
by Clifford E. Landers

● MASTERWORKS OF FICTION (1987)

GREEN INTEGER 32

As Sufragistas

Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini (UNEMAT)



marido resolve, unilateralmente, entrega-lo para a adoção. Essa passagem serve de mote para o telespectador compreender o alargamento da dimensão da luta, que se estende a partir deste episódio, para um horizonte mais amplo referente ao direito de a mulher também requerer a guarda dos filhos.

É inevitável comparar esta passagem de **As Sufragistas** com o contexto de luta atual, pois o que mais percebemos é a alusão a desculpas mais infundadas para justificar nosso pouco engajamento no processo de luta em tempos de (A)TAQUES aos direitos conquistados no decorrer do processo de conquistas históricas, conseguidas a duras penas! A esse respeito, percebe-se que falta em nós a coragem, que de resto Maud Watts tem de sobra! Há que se fazer notar que, além da desaprovação do marido, ela tem de lutar contra o preconceito social, a fúria e a estupidez manifestados por seu patrão no ambiente de trabalho. Isto, porém, não a faz desistir da luta! Entre nós, o que mais vemos são desculpas infundadas para tentar justificar nosso pouco entusiasmo para lutar. Talvez o que justifique nossa pouca disposição à luta, hoje, seja o forte conteúdo ideológico disseminado pelos *mas mídia*, que nos faz enxergarmos um mundo real às avessas! O mais irônico disso tudo é a constatação de que, em pleno século XXI, falta-nos a dimensão de luta, que cem anos atrás, Maud Watts tinha de sobra, a saber, lutar em favor de causas populares implica, *prima face*, lutar contra a ideologia dominante!

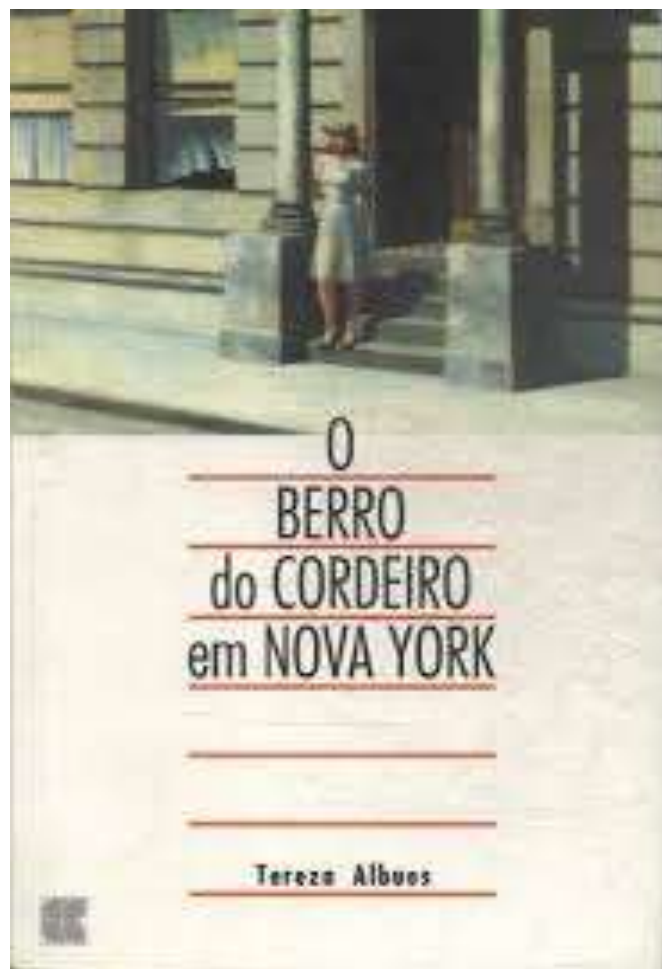
O filme apresenta-se, portanto, como uma alternativa eficaz para refletirmos sobre como pobres e classes dominadas alcançam direitos e conquistam melhores condições na sociedade ao longo dos tempos.

O filme **As Sufragistas** retrata a cidade de Londres do ano 1912. Tem como personagens principais Maud Watts, Edith New, Emmeline Pankhurst e Sony Watts. Para a ativista feminista Maud Watts, em uma primeira instância, a luta por igualdade de direitos começa no próprio lar, dado que seu marido Sony Watts, em nome de uma suposta proteção à esposa, desaprova veementemente o engajamento da esposa em favor da causa feminista, que tem como pano de fundo o direito ao voto às mulheres. A rigor, o engajamento de Maud Watts começa de um modo bastante tímido e vai ganhando consistência no decorrer do processo de luta. Dada a intolerância do marido, Sony Watts, que culmina na separação do casal, Maud é obrigada a viver longe de seu filho, Jorge, pois seu

Livro de Cabeceira

O Berro do Cordeiro em Nova York

Patrícia Casagrande (PPGEL/UNEMAT)



O penúltimo romance escrito por Tereza Albués é intitulado **O Berro do Cordeiro em Nova York**, publicado uma única vez em 1995 e é considerado o mais importante, pois é nele que a escrita de Tereza ganha força e constitui enquanto literatura brasileira. Essa narrativa é considerada por muitos uma memória da autora, opinião da qual não compartilhamos, uma vez que a construção memorialística apresentada pela narradora personagem está para além...

A obra brinca com dois espaços, o sertão de Mato Grosso logo no começo de sua colonização e a cidade de Nova York. Dentro desse segundo espaço a narradora conta, motivada pela culpa – sentimento que permeia a obra – como foi sua infância no sertão. É nesse processo de lembrar que a personagem principal tenta construir sua própria identidade, assim, são apresentados ao leitor todos os sofrimentos enfrentados por uma menina negra e pobre, que alcançou o sucesso por meio dos estudos. Além disso, a figura do pai é bastante enigmática, pois é ele que causa esse sentimento de culpa, já que a resignação às imposições sociais o levaram a uma aparente loucura, essa condição de submissão paterna cria na filha a quebra das convenções, principalmente em se tratando da condição feminina.

Não há como percorrer as páginas da narrativa sem perceber a magia de alguns acontecimentos, um deles é a fuga de uma fazenda, quando o pai consegue livrar sua família da escravidão ao ser guiado pelo espírito de seu avô. Em um outro momento a personagem narradora encontra-se com uma mulher que havia morrido em um acidente. Esses momentos são sempre responsáveis pela tentativa de entendimento dos limites entre o físico e o espiritual, trabalhando também para a construção de sua identidade. Assim, a obra ganha espaço como literatura nacional a medida que desvela os conflitos humanos simbolizados pelo berro que liberta.